

# Liberdade de Expressão

## Questões da atualidade

Organização:

**Maria Cristina Castilho Costa  
e Patrícia Blanco**

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandes

Escola de Comunicações e Artes- ECA-USP

Diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Vice-Diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli

DOI: 10.11606/9788572052597

São Paulo

**2019**



# Liberdade de expressão e censura nos debates presidenciais de 2014 e 2018: a posição do Partido dos Trabalhadores e da mídia hegemônica

Jamir Kinoshita<sup>180</sup>

## Introdução

O presente artigo reflete uma análise que guarda relação direta com a trajetória profissional do autor.<sup>181</sup> Nesse sentido, é preciso destacar que em 2014 fiz parte, de maneira voluntária, da equipe do Partido dos Trabalhadores (PT) responsável pela discussão das regras dos debates televisivos e sabatinas da campanha presidencial.

Em 2018, outro polo de comparação, tive participação, via agência de comunicação<sup>182</sup>, na pré-campanha presidencial do Partido Republicano Brasileiro (PRB) e em *media training* para candidato ao Senado pelo Estado de São Paulo do Partido Democrático Trabalhista (PDT). Tais circunstâncias fizeram com que estivesse

---

<sup>180</sup> Jornalista e consultor de comunicação, com pós-graduação (*lato sensu*) em Gestão de Processos Comunicacionais pela ECA-USP. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) na mesma instituição, pesquisador do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT/ECA-USP), bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e professor (licenciado) da Faculdade de São Paulo/UNIESP.

<sup>181</sup> Com mais de 20 anos de experiência em comunicação pública e privada, tive atuação junto à Câmara Municipal de São Paulo, Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, Câmara dos Deputados e prefeituras de São Paulo, Guarulhos e Santo André (as duas últimas situadas na Grande São Paulo). Participei ainda, ao longo desse período, de nove campanhas eleitorais majoritárias e proporcionais, com candidaturas vinculadas à disputa da Presidência da República, Senado, Câmara dos Deputados, Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, Câmara Municipal de São Paulo e prefeituras de São Paulo e Carapicuíba (outro município da Grande São Paulo).

<sup>182</sup> GBR Comunicação. Informações institucionais da agência disponíveis em: <[www.gbr.com.br](http://www.gbr.com.br)>. Acesso em: 30 jul 2019.

atento ao noticiário político e eleitoral trazido pela mídia tradicional e hegemônica. O monitoramento decorria ainda do fato de que, nessa época, integrávamos também a assessoria de imprensa e de gestão de crises da J&F Investimentos.<sup>183</sup>

O acompanhamento das notícias tinha como foco primordial as informações envolvendo os principais concorrentes ao cargo presidencial, com ênfase nas posturas adotadas pelo PT, inicialmente com a decisão de levar adiante a candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que liderava até então as pesquisas de intenções de voto, e posteriormente com a sua substituição pelo ex-prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, em decorrência de decisão tomada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE).<sup>184</sup>

A partir desse fato, que teve extrema relevância no processo eleitoral, é que foram estabelecidas as premissas desse trabalho, que se dedicou a estabelecer um comparativo entre a posição assumida pelo PT na campanha à reeleição da ex-presidenta Dilma Rousseff e no último pleito, vencido pelo atual ocupante da Presidência da República.<sup>185</sup> É na postura dicotômica, verificada no comando das duas campanhas petistas, que reside o cerne de nosso tema de discussão.

---

<sup>183</sup>  *Holding* de empresas que tem os irmãos Joesley e Wesley Batista como principais acionistas e que entrou para o noticiário político-eleitoral em virtude da delação feita por Joesley, no âmbito da Operação Lava Jato, envolvendo, entre outros, o ex-presidente da República Michel Temer. A J&F Investimentos, cujo atendimento era prestado por mim *in loco*, é o maior grupo econômico privado do Brasil, presente em mais de 30 países, tendo em seu portfólio companhias como a JBS (líder global em processamento de proteína animal), Flora (produtos de higiene pessoal e de limpeza), Eldorado Brasil (celulose), Banco Original, Âmbar Energia (geração e transmissão de energia) e TV Canal Rural.

<sup>184</sup> Para entender os meandros dessa situação, sugerimos a leitura de matéria veiculada no *El País*, que pode ser consultada em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/31/politica/1535731172\\_241117.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/31/politica/1535731172_241117.html)>. Acesso em: 26 jun 2019.

<sup>185</sup> Jair Bolsonaro, que promoveu, após as eleições, uma agenda de ações antidemocráticas e de derrubada de direitos e conquistas sociais, como verificado nas redes sociais do próprio mandatário e pelas notícias veiculadas pela mídia hegemônica. Ele obteve 55,13% dos votos válidos enquanto Fernando Haddad ficou com 44,87%. Somando os votos brancos (2,15%) e nulos (7,42%), mais as abstenções (21%), que são bastante significativos, aos números do candidato petista, percebe-se que o atual ocupante do Palácio do Planalto se elegeu sem aprovação da maioria absoluta da população brasileira. Sobre esse aspecto, ver reportagem exibida pelo Jornal Nacional, da TV Globo, em 29/10/2018, disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/10/29/tse-conclui-votacao-jair-bolsonaro-teve-pouco-mais-de-55-dos-votos.ghtml>>. Acesso em 26/6/2019.

## A eleição de 2014: a hegemonia do petismo

A ideia de hegemonia aludida pela perspectiva gramsciana<sup>186</sup> dá a tônica de como o PT se portou nesse processo. O modo petista de pensar e coordenar a campanha presidencial em 2014 se achava dentro de uma lógica pragmática, incorporada especialmente pela sua principal corrente interna, que tem se mantido à frente da direção partidária, cuja justificativa foi construída com base nas derrotas sofridas por Lula nas eleições de 1994 e 1998.

Tamanho pragmatismo seguia uma linha maquiavélica<sup>187</sup> que tornava plausível a composição com partidos e políticos de centro e até de espectros mais próximos à direita, com a finalidade única de obter maioria para governar e, no caso dos períodos eleitorais, para dispor de uma coligação partidária que garantisse o maior tempo de propaganda gratuita na TV e no rádio.

O PT estava prestes a conquistar o quarto mandato presidencial consecutivo, o que significava permanecer 12 anos, ininterruptos, à frente do principal cargo público nacional. Chama a atenção nessa eleição a saída do Partido Socialista Brasileiro (PSB) da base da gestão Dilma Rousseff, refletindo no consequente anúncio da candidatura à Presidência do ex-governador de Pernambuco, Eduardo Campos, que foi ministro da Ciência e Tecnologia no primeiro mandato de Lula.

Com as principais candidaturas postas no cenário eleitoral de 2014 (Dilma, Eduardo Campos e Aécio Neves, pelo Partido da Social Democracia Brasileira/PSDB), pesquisas internas do PT indicavam a vitória, já no primeiro turno, de sua candidata. Tal situação acabou resultando na postura assumida pela direção partidária para a campanha que se desenrolava.

Durante o período de pré-campanha e enquanto Eduardo Campos era o candidato do PSB, o comando petista não teve pressa em criar estrutura voltada a

---

<sup>186</sup> GRAMSCI, Antonio. **Literatura e vida nacional**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

<sup>187</sup> Referência à máxima de que os fins justificam os meios. A concepção dessa lógica pode ser vista em MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

contemplar as reuniões iniciais chamadas pelas grandes corporações de comunicação (*media*), especialmente as emissoras de televisão, para tratar das regras envolvendo sabatinas, entrevistas e debates. Isso fica claro pelo fato de que a Secretaria Nacional de Comunicação não contava com equipe alguma.

Ao mesmo tempo, o PT acaba se tornando o vértice decisório dessas reuniões, por estar à frente da Presidência e ter a candidata melhor posicionada nas enquetes feitas até o momento. Isso serviu para que o partido pautasse a atuação e o posicionamento das demais siglas concorrentes. Assim, estabeleceu-se uma estratégia de endossar a importância dos debates, engessando ao máximo as regras, de modo a não permitir embates duros e diretos para Dilma Rousseff, o que se refletiu na posição de não confirmar nem negar a presença da presidenta nessas agendas.

No núcleo duro do comando petista, formado por um restrito grupo dirigente, havia a intenção, consensual, de participação em somente três a quatro debates no primeiro turno. A indicação, não tornada pública, incluía a ida de sua candidata à TV Band, TV Globo e TV Record, convites para os quais não seria conveniente uma negativa para não abalar a reputação da campanha. Com esse foco, participei de boa parcela das reuniões preparatórias dos debates e sabatinas, muitas vezes representando o próprio secretário nacional de Comunicação do PT.<sup>188</sup>

Desse modo, estive, de abril até às vésperas do segundo turno de 2014, em encontros com os seguintes veículos, sendo que alguns se organizaram em *pool* para promover os debates: Rede TV!/iG, TV Band, TV Record, *Twitter/Veja*, G1, TV Gazeta,

---

<sup>188</sup> O vereador José Américo Dias, presidente da Câmara Municipal de São Paulo, era o secretário nacional do PT à época, sendo o dirigente designado para as tratativas iniciais dos debates e sabatinas propostos pelos veículos de comunicação hegemônicos. O pesquisador, que na ocasião era coordenador de comunicação e imprensa da Presidência do legislativo paulistano, foi convidado a auxiliar na tarefa de maneira voluntária. Somente em agosto, faltando pouco tempo para o primeiro turno, é que houve a formalização de um profissional (Albino Castro) para ficar à frente dessa tarefa, uma vez que o próprio José Américo Dias disputava uma vaga na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, o que comprometia bastante o cumprimento da agenda de campanha presidencial. A pedido do jornalista chamado para cuidar dos debates, que continuou sem ter estrutura específica, o pesquisador permaneceu participando de tais reuniões.

O Estado de S.Paulo/TV Cultura, Folha de S.Paulo/UOL/Jovem Pan/SBT e Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (por meio da rede católica de rádio e televisão).

Porém, o que o PT e as demais siglas não contavam era que o falecimento de Eduardo Campos ao longo da campanha<sup>189</sup>, com sua substituição por Marina Silva, que era a vice-presidente na chapa do pessebista, alterasse o percurso de uma eleição em que Dilma Rousseff despontava vitoriosa ainda no primeiro turno. A partir do momento em que ocorre oficialmente a mudança, há uma completa reviravolta na corrida presidencial, com o crescimento da candidatura de Marina, ocasionado em boa parcela pelo clima de comoção (em torno da imagem de Eduardo Campos) que se instaurou no processo eleitoral.

A transformação conjuntural fez com que o PSDB se visse ameaçado a não ir para o segundo turno. O efeito prático do crescimento da candidata do PSB é que as direções pessedebista e petista aceitaram participar de debate proposto pela CNBB. Por sinal, um dos primeiros atos da campanha de Marina Silva, que é evangélica, foi confirmar essa agenda. O detalhe é que havia um acordo informal entre PT e PSDB para inviabilizar esse evento, por conta do risco de serem abordados temas polêmicos para a campanha, como a descriminalização do aborto.

Assim, o PT, ao longo do processo da disputa presidencial em 2014, manteve uma postura hegemônica sobre os *media*, não por mérito próprio, mas por estar à frente da Presidência e, com isso, obviamente, gerir as verbas públicas de publicidade e propaganda, almejadas por esses veículos.

A posição petista, atuando como censor, determinou o andamento da campanha eleitoral, interferindo no consenso de regras que lhe fossem mais favoráveis nos debates e sabatinas, mesmo naqueles em que acabou declinando de participar. E, claro, repercutiu na definição das estratégias das demais siglas, que só se posicionavam, geralmente, a partir das definições do PT.

---

<sup>189</sup> UOL. **Eduardo Campos morre em acidente de avião em Santos (SP)**. 13/8/2014. Disponível em: <<https://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/2014/08/13/eduardo-campos-estava-no-aviao-que-caiu-em-santos.htm>>. Acesso em: 27 jun 2019.

## Em 2018, é a vez da “volta” da mídia hegemônica

Diferentemente do cenário eleitoral de 2014, o último pleito presidencial vem marcado por um forte contexto de rejeição à política e, principalmente, ao PT, o que inclui seus filiados e militantes.

Para analisar essa campanha à Presidência é preciso mencionar alguns aspectos conjunturais, entre eles o processo de *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff.<sup>190</sup> O episódio, cujos primórdios remontam às grandes manifestações de rua de 2013, apropriadas especialmente por grupos reacionários e contrários à gestão petista, somou-se sobremaneira à aprovação litúrgica conferida pela população à Operação Lava Jato que, por sua vez, contou com apoio incondicional dos *media*. O ápice do processo foi a decretação da prisão do ex-presidente Lula, que até então aparecia na frente das pesquisas de intenção de votos.<sup>191</sup>

Ao mesmo tempo, os conglomerados de comunicação conduziram um quadro de desconstrução e de rejeição à política e ao PT – nesse último caso, sendo insuflado diretamente pelas ações desenvolvidas pela Lava Jato. Com isso, a mídia hegemônica passou a dar voz aos chamados *outsiders*, privilegiando nomes como o do

---

<sup>190</sup> G1. **Senado aprova impeachment, Dilma perde mandato e Temer assume.** 31/8/2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/08/senado-aprova-impeachment-dilma-perde-mandato-e-temer-assume.html>>. Acesso em: 28 jun 2019. VIOMUNDO. **Pedro Serrano: Ao manter os direitos de Dilma, o Senado passou atestado de que houve golpe.** 31/8/2016. Disponível em: <<https://www.viomundo.com.br/politica/pedro-serrano-ao-manter-os-direitos-politicos-de-dilma-o-senado-passou-atestado-de-que-houve-golpe.html>>. Acesso em: 28 jun 2019. Sobre a lógica de atuação dos arranjos, FIGARO, Roseli (org.). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia.** São Paulo: ECA-USP, 2018.

<sup>191</sup> Pesquisas sobre a liderança de Lula: VEJA. Lula lidera isolado com 37%, mostra nova pesquisa CNT/MDA. 20/8/2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/lula-lidera-isolado-com-37-mostra-nova-pesquisa-cnt-md/>>. Acesso em: 30 jul. 2019; FOLHA DE S. PAULO. Lula chega a 39%, aponta Datafolha; sem ele, Bolsonaro lidera. 22/8/2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/lula-chega-a-39-aponta-datafolha-sem-ele-bolsonaro-lidera.shtml>>. Acesso em: 30 jul 2019.

apresentador de televisão Luciano Huck<sup>192</sup> e do ex-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Joaquim Barbosa <sup>193</sup>, procurando transformá-los em potenciais alternativas para a disputa.

Na junção desses condicionantes estava dado o pano de fundo em que ocorreu a eleição de 2018. Enquanto Lula, mesmo preso, permanece candidato do PT, as corporações de comunicação não abriram espaço para entrevistas do ex-presidente nem para participação de representante petista em debates antes do primeiro turno – salvo raras exceções em que houve entrevista com algum dirigente partidário. A justificativa oficial do posicionamento sobre os debates televisivos era de que o TSE havia negado a presença de Luiz Inácio Lula da Silva e de seus representantes nessas agendas.<sup>194</sup>

A partir do momento em que o TSE rejeitou a candidatura do ex-presidente, o PT definiu Fernando Haddad como seu substituto. Porém, nem mesmo essa mudança, promovida a poucos dias do primeiro turno, foi suficiente para que os veículos de comunicação tradicionais revisassem sua postura quanto ao andamento do processo eleitoral em questão.

Ao contrário disso, o que se viu foi os *media*, amparando-se no Código Eleitoral, suspenderem a realização de debates, ainda mais no segundo turno, já que o episódio da facada desferida no então candidato Jair Bolsonaro<sup>195</sup> transformou-se em motivo real para que ele não pudesse participar desses encontros, segundo recomendação médica. Acrescenta-se o fato de que o TSE negou a realização de entrevista com o candidato do PT no lugar dos debates não realizados.

---

<sup>192</sup> O GLOBO. Huck se encontra com lideranças do DEM para discutir eleições de 2018. 29/9/2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/huck-se-encontra-com-liderancas-do-dem-para-discutir-eleicoes-de-2018-21875709>>. Acesso em: 29 jun 2019.

<sup>193</sup> VEJA. Ala do PSB insiste em ter Joaquim Barbosa candidato a presidente. 30/1/2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/ala-do-psb-insiste-em-ter-joaquim-barbosa-candidato-a-presidente/>>. Acesso em: 29 jun 2019.

<sup>194</sup> G1. TSE nega registro da candidatura de Lula. 1/9/2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/ao-vivo/tse-julga-registro-de-candidaturas-de-presidenciaveis.ghtml>>. Acesso em: 29 jun 2019.

<sup>195</sup> O episódio fez com que o candidato Jair Bolsonaro, que dispunha de um tempo reduzido de propaganda em rádio e TV, ganhasse projeção na mídia hegemônica.



Não é demais alegar que os grandes conglomerados de mídia influenciaram diretamente o resultado dessa campanha, refutando a estratégia petista a favor da realização de debates televisivos com Jair Bolsonaro, o que conferiu à sigla um caráter de censura. Isso causou impacto nas demais candidaturas aos cargos majoritários (governadores e senadores) e nos proporcionais (deputados federais e estaduais).

Como exemplos desse poder dos *media* no pleito de 2018 foram eleitos comunicadores como Joice Hasselmann (apresentadora na rádio *Jovem Pan*), Kim Kataguirí (colunista na *Folha de S. Paulo*), Alexandre Frota (apresentador na *Rede Brasil de Televisão*) e Celso Russomano (apresentador de quadro específico na *TV Record*). De modo geral, todos fizeram uso do discurso de ódio, tanto em suas campanhas quanto nos canais midiáticos a que tinham acesso antes da eleição, como solução para a crise econômica gerada pelo neoliberalismo. O alcance proporcionado pela mídia foi potencializado quando os candidatos replicaram seus discursos nas redes sociais.

## Considerações finais

Em que pesem as diferenças no contexto comparativo escolhido para compor esse artigo – a participação como testemunha ocular de um episódio histórico em 2014 e a percepção pela mediação da mídia hegemônica em 2018 – considero o procedimento metodológico incorporado relevante para a análise que trouxemos.

No caso da reeleição de Dilma Rousseff, encontra-se respaldo em Ecléa Bosi para o papel assumido naquela época. “A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente mas porque se relacionam através de índices comuns.”<sup>196</sup> Segundo ela, o que confere uma

---

<sup>196</sup> BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória** – Ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 31.

configuração singular a tais fatos é a existência de um interesse coletivo, competindo ao investigador social “(...) procurar esses vínculos de afinidades eletivas entre fenômenos distanciados no tempo.”<sup>197</sup>

O fato de o PT ter conseguido ditar as regras e a própria realização ou não dos debates televisivos deve ser entendida por uma perspectiva crítica em que essa suposta hegemonia não se espalhou para uma efetiva política pública de comunicação no Brasil, o que teve consequências no pleito seguinte.

(...) pode-se refletir que a baixa ação regulamentadora do governo petista, quanto à democratização dos processos midiáticos, enquadra-se numa lógica já tradicional do partido, desde, pelo menos, quando conquistou a Presidência da República, de não atacar as grandes indústrias culturais. Apesar de sua origem e propósitos iniciais, o próprio PT nunca investiu na criação de uma mídia forte, ainda que possuísse recursos, ante o volume de contribuições que recebe de seus filiados. Esta postura, que significa o assentimento em comunicar-se com o público através de companhias privadas, é parte do processo de subordinação capitalista.<sup>198</sup>

É no bojo dessa subordinação ao capital, levada ao extremo pelo ordenamento neoliberal, que se deve compreender a aversão à política. Tal contrariedade, que teve forte apoio dos *media*, serviu ao propósito de desconstruir o embasamento coletivo e social que havia até a eleição do atual presidente, que pregava e continua propagando medidas antidemocráticas. Evidentemente que não se está eximindo a esquerda, especialmente o PT, das falhas cometidas que não viabilizaram conquistas públicas reais em campos outrora vislumbrados, como o previdenciário, o trabalhista, o tributário, o comunicacional, o jurídico e o agrário.

---

<sup>197</sup> Idem.

<sup>198</sup> BOLAÑO, César Ricardo Siqueira; BRITTOS, Valério Cruz. *Capitalismo e política de comunicação: a TV digital no Brasil*. In: HAUSSEN, Doris Fagundes; BRITTOS, Valério Cruz (orgs.). **Economia política, comunicação e cultura** – Aportes teóricos e temas emergentes na agenda política brasileira. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, p. 35.

A representação democrática perdeu o contato com os anseios e as necessidades da população representada e fez-se refém dos interesses corporativos poderosos. Com isto, os cidadãos alhearam-se da representação sem, no entanto, terem desenvolvido novas formas de participação política, exercitáveis em áreas políticas novas e mais amplas. (...) O dilema reside em que, num contexto ideológico, saturado pelo consumismo, a erosão das concessões (do Estado Fordista) e o aumento da disciplina e dos ritmos de trabalho que a acompanham eliminam, em vez de promover, a vontade de lutar por uma vida diferente e mesmo a capacidade de a imaginar.<sup>199</sup>

Nesse contexto é que entra o papel desempenhado pela mídia hegemônica na eleição de 2018, que precisa ser analisado pela óptica da economia política da comunicação. Essa corrente estuda as relações sociais, especificamente as de poder que, por sua vez, constituem a produção, a distribuição e o consumo de recursos, o que inclui as grandes corporações de mídia. Aderir a tal perspectiva permite dispor de um tom crítico para tratar, empiricamente, esses conglomerados, que precisam (ou ao menos deveriam) ser encarados dentro de um processo de construção de uma sociedade efetivamente democrática.<sup>200</sup>

Disso é possível depreender que o processo eleitoral de 2018 vai muito além da utilização das redes sociais. Não que com isso não houvesse grande impacto dessa tecnologia, porém, o que se tem é que tal mecanismo serviu e tem servido para a perpetuação de um sistema emanado pelos *media*, em especial a TV aberta, o que significa a dominação e doutrinação da população com um discurso contrário a todos os avanços sociais já alcançados no país.

Mesmo sem ser una, a grande mídia opera coadunada com centros de poder de alcance mundial. São as indústrias culturais os agentes privilegiados na disputa pela produção de sentido, referindo-se a imaginários, padrões, ideias e valores, que interagem com o universo

---

<sup>199</sup> SANTOS, Boaventura Sousa. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1995, pp. 249, 311.

<sup>200</sup> SANTOS, Suzy dos. *Get back to where you once belonged*: alvorada, ocaso e renascimento da economia política nas análises da comunicação. In: HAUSSEN, Doris Fagundes; BRITTOS, Valério Cruz (orgs.). **Economia política, comunicação e cultura**, pp. 14-15.

de signos, símbolos e linguagens dos receptores, para daí serem significados. Por sua via é distribuída a cultura global, diretamente ligada ao mercado, havendo a subsunção ao capital de manifestações culturais que, até então, procuravam não se hibridizar.<sup>201</sup>

O fato é que enquanto o Brasil não dispor de sua *Ley de Medios*, as grandes corporações hegemônicas do setor vão continuar a insistir em dar as cartas, supostamente representativas, para os desígnios da nação, fazendo uso de um apolitismo, que tem efeitos nefastos à democracia e aos direitos sociais, conforme percebemos em nosso cotidiano.

Estimular a despolitização da vida pública, somado ao equívoco dantesco de um diagnóstico de ingovernabilidade como sendo uma crise de autoridade, só contribui para reforçar saídas consideradas autoritárias.<sup>202</sup> Esse mecanismo, de acordo com o que apresentamos, foi muito usado pelos *media* nas eleições de 2014 e principalmente na de 2018 e, pior, vem sendo perpetrado na (tentativa frustrada de) crítica feita ao atual governo federal. Diante desse cenário, em que a esfera pública se encontra fragilizada e que os grandes meios de comunicação lutam para manter a todo custo sua hegemonia, face à forte presença das redes sociais, só resta aguardar as cenas do próximo capítulo.

## Referências bibliográficas

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira; BRITTOS, Valério Cruz. *Capitalismo e política de comunicação: a TV digital no Brasil*. In: HAUSSEN, Doris Fagundes; BRITTOS, Valério

---

<sup>201</sup> BRITTOS, Valério Cruz, MIGUEL, João. *Indústria cultural: conceito, especificidades e atualidade no capitalismo contemporâneo*. In: HAUSSEN, Doris Fagundes; BRITTOS, Valério Cruz (orgs.). **Economia política, comunicação e cultura**, p. 54.

<sup>202</sup> IVO, Anete Brito Leal. **Metamorfose da questão democrática: governabilidade e pobreza**. Buenos Aires: Clacso, 2001, p. 53.

Cruz (orgs.). **Economia política, comunicação e cultura** – Aportes teóricos e temas emergentes na agenda política brasileira. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória** – Ensaio de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRITTOS, Valério Cruz, MIGUEL, João. *Indústria cultural: conceito, especificidades e atualidade no capitalismo contemporâneo*. In: HAUSSEN, Doris Fagundes; BRITTOS, Valério Cruz (orgs.). **Economia política, comunicação e cultura**.

FIGARO, Roseli (org.). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA-USP, 2018.

GRAMSCI, Antonio. **Literatura e vida nacional**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

IVO, Anete Brito Leal. **Metamorfose da questão democrática: governabilidade e pobreza**. Buenos Aires: Clacso, 2001.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, Suzy dos. *Get back to where you once belonged: alvorada, ocaso e renascimento da economia política nas análises da comunicação*. In: HAUSSEN, Doris Fagundes; BRITTOS, Valério Cruz (orgs.). **Economia política, comunicação e cultura**.

### **Outras fontes bibliográficas**

FOLHA DE S. PAULO. **Lula chega a 39%, aponta Datafolha; sem ele, Bolsonaro lidera**. 22/8/2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/lula-chega-a-39-aponta-datafolha-sem-ele-bolsonaro-lidera.shtml>>. Acesso em: 30 jul 2019.

G1. **Senado aprova impeachment, Dilma perde mandato e Temer assume**. 31/8/2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment->

de-dilma/noticia/2016/08/senado-aprova-impeachment-dilma-perde-mandato-e-temer-assume.html>. Acesso em: 28 jun 2019.

**G1. TSE nega registro da candidatura de Lula.** 1/9/2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/ao-vivo/tse-julga-registro-de-candidaturas-de-presenciaveis.ghhtml>>. Acesso em: 29 jun 2019.

Jornal Nacional. TV Globo. 29/10/2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/10/29/tse-conclui-votacao-jair-bolsonaro-teve-pouco-mais-de-55-dos-votos.ghhtml>>. Acesso em 26/6/2019.

O GLOBO. **Huck se encontra com lideranças do DEM para discutir eleições de 2018.** 29/9/2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/huck-se-encontra-com-liderancas-do-dem-para-discutir-eleicoes-de-2018-21875709>>. Acesso em: 29 jun 2019.

UOL. **Eduardo Campos morre em acidente de avião em Santos (SP).** 13/8/2014. Disponível em: <<https://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/2014/08/13/eduardo-campos-estava-no-aviao-que-caiu-em-santos.htm>>. Acesso em: 27 jun 2019.

VEJA. **Lula lidera isolado com 37%, mostra nova pesquisa CNT/MDA.** 20/8/2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/lula-lidera-isolado-com-37-mostra-nova-pesquisa-cnt-md/>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

VEJA. **Ala do PSB insiste em ter Joaquim Barbosa candidato a presidente.** 30/1/2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/ala-do-psb-insiste-em-ter-joaquim-barbosa-candidato-a-presidente/>>. Acesso em: 29 jun 2019.

VIOMUNDO. **Pedro Serrano: Ao manter os direitos de Dilma, o Senado passou atestado de que houve golpe.** 31/8/2016. Disponível em: <<https://www.viomundo.com.br/politica/pedro-serrano-ao-manter-os-direitos-politicos-de-dilma-o-senado-passou-atestado-de-que-houve-golpe.html>>. Acesso em: 28 jun 2019.